

sessões do
MAGINARIO

ano XVI | n25 | 2011/1





Entrevista com

EDGAR MORIN

Eduardo Harry Luersen e Mateus Dias Vilela¹



O sociólogo, antropólogo, historiador e filósofo francês, Edgar Morin, esteve em Porto Alegre no mês de agosto deste ano para participar do projeto cultural múltiplo, *Fronteiras do Pensamento*, elaborado a partir da proposta de um seminário internacional que tem como objetivo chegar às mais diversas platéias, com o intuito de promover um debate perene.

Antes do evento, o Doutor Honoris Causa pela PUCRS, a convite do professor Juremir Machado da Silva, conversou com alunos e professores do programa de pós-graduação em Comunicação Social (Famecos). No encontro entre outros temas foram tratados o papel da internet nas revoluções do mundo árabe e o caso WikiLeaks.

Sessões do Imaginário (Pedro Henrique Reis - doutorando): O que você pensa sobre o papel da internet nas revoluções no mundo árabe, e a entrada recente de Israel no palco destas transformações?

Morin: É evidente que o papel da internet é importante para toda a comunicação. Ela permitiu aos jovens dos países árabes, o acesso a uma cultura informática capaz de possibilitar a conexão e o movimento. Havia uma resignação geral dos povos, dos velhos, e uma situação sem nenhuma possibilidade de saída, ou de obter liberdade. E, uma vez mais, como ocorre geralmente, os jovens tiveram participação ativa nas revoluções e revoltas, como na Europa, em maio de 1968. Por outro lado, a internet é um instrumento de comunicação para a ação e para as reivindicações fundamentais, de dignidade e liberdade, para as aspirações democráticas que são defendidas em alguns casos, como na Tunísia ou Egito, de destruir o despotismo.

Penso que a internet já foi importante ao Irã, no passado, e à China, para transmitir aspirações democráticas. Há uma conexão com a aspiração dos jovens, que traduzem as aspirações de todo o povo. Porque quando começou o movimento na Tunísia, todas as “capas” de suas cidades ampararam a rebelião. E, penso que a internet é como uma língua capaz de servir a todos. Às máfias, à terroristas, bombeiros, à todos... Mas também, a uma força libertária mundial, como se pôde ver com o WikiLeaks. Porque hoje, alguns matemáticos, programadores como (Julian) Assange, pessoas com a capacidade de pensar a informática, podem gerar um código invulnerável, que nenhum Estado pode descriptar e, agora, há a possibilidade de se acessar a todos os segredos políticos, militares ou financeiros. É uma força extraordinária e, até agora, os Estados não encontraram possibilidades para limitar esta força informática, embora busquem limitá-la. Entramos em uma época de ciberguerra: uma guerra que se faz através da possibilidade de controlar a informação. Por exemplo, com o Wikileaks, que ao ter alguns de seus sites proibidos, constroem outros para transmitir esta informação. Penso que deste modo, na época atual, a internet é muito importante para a evolução das sociedades.

Sessões do Imaginário (Jacques Waimberg - professor): Qual o papel do intelectual na sociedade? Qual a avaliação que você faz desta crise que existe na mentalidade do intelectual francês, ou do intelectual em geral, que ao invés de optar pela liberdade sucumbe a uma devoção cega.

Morin: Primeiro devemos fazer a definição do intelectual: o intelectual é o novelista, ou o filósofo, mas não basta ser novelista, filósofo, advogado, necessita, mais do que seu papel como tal, querer trazer a público alguns problemas

fundamentais da sociedade, da realidade, da política, etc. E esta concepção de intelectual se desenvolveu na França. A França também exemplificou intelectuais da esquerda, ou pela liberdade porque havia dois tipos de intelectual, naquele momento histórico: os intelectuais, digamos, de esquerda, que diziam: “a liberdade é mais importante que a razão do Estado”; e intelectuais de direita que diziam: “a razão do Estado é mais importante que a verdade”. Eu diria que, sobre todos os problemas, há a possibilidade de divergência. Quando chegaram os anos 30 do século passado, com o stalinismo, o nazismo, o fascismo, alguns intelectuais diziam que o melhor a fazer era favorecer o fascismo, porque, para eles, o comunismo staliniano era algo perigoso. Outros pensavam que deviam apoiar o comunismo staliniano, porque, para eles, o fascismo é que era mais perigoso. Eu diria que há vários tipos de intelectual, e a coisa fundamental é retomar alguns problemas, algumas concepções daquilo que é importante. É verdade que há intelectuais que aceitam a ditadura, que fazem elogio da ditadura, e outros intelectuais que lutam pela liberdade.

E se formos pensar por que os intelectuais latino-americanos tiveram tantas ilusões sobre Cuba? Porque enxergaram, em primeiro lugar, em Cuba, não a ditadura interna, mas sim a resistência contra os Estados Unidos, o Tio Sam, onipotente. Por esta razão, muitos intelectuais não quiseram ver que o sistema cubano era o da ditadura totalitária, para ver mais como Cuba era resistente aos Estados Unidos. Todos, tanto intelectuais, como não-intelectuais, sempre podem equivocar-se e, na França, por exemplo, muitos intelectuais se equivocaram sobre a natureza real da União Soviética, ou da China. Por isto, penso que, hoje, o papel do intelectual é um papel muito importante. Pois hoje estamos em uma sociedade especialista, de experts,

técnicos, tecnocratas, e, para cada um deles, há uma divisão muito limitada, fechada e compartimentada da realidade. E, nesta sociedade, é muito difícil enfrentar problemas fundamentais e problemas globais. Penso que o papel importante do intelectual é o de levantar problemas fundamentais e globais. Porém, tenham cuidado para não equivocarem-se, como fizeram no passado muitos intelectuais, que não entenderam a realidade de Cuba, da União Soviética e de outras coisas. Penso que o papel do intelectual é cada vez mais importante, porque estamos num mundo de especialistas, porém, é necessária informação correta, e elucidação, para que não haja uma visão superficial do exterior, e de suas realidades sociais e políticas.

Sessões do Imaginário (Eduardo Pellanda - professor): Sobre alguns de seus estudos de globalização. No dia de hoje (8 de agosto de 2011), as bolsas do mundo todo estão operando no negativo, abaixo de sua normalidade. Isto é uma crise apenas econômica, ocasional, ou pode ser um sinal de uma nova era?

Morin: Sobre o diagnóstico do quadro econômico, em primeiro lugar, não podemos esquecer que 95% dos economistas não previram a crise que começou em 2008. E quando a crise chegou, 95% dos economistas foram incapazes de prever o que iria ocorrer. Além disso, os economistas pensam que esta crise é unicamente uma crise econômica, e não vêem que ela faz parte de um sistema, onde tudo entrou em crise. Agora, isto é uma crise da civilização, do desenvolvimento, uma crise ecológica, ou uma crise geral, em todas as partes? Em todo o mundo, do ponto de vista econômico, há duas coisas importantes: a economia mundial não possui nenhuma verdadeira regulação, o FMI e outros não são reguladores; segundo, como não há regulação, agora se vê a dominação da especulação

financeira, ou do capitalismo financeiro. Hoje, o poder do capitalismo financeiro é mais forte que os Estados, porque quando as agências de notas de crédito (ou agências de *rating*) aparecem, dizendo que caiu a nota dos Estados Unidos, todos os chefes de Estado fogem, ficam com medo, vão fazer outras coisas e os Estados ficam impotentes. Hoje, há duas coisas de caráter perigoso: primeiro, a crise mundializada, que não pode reduzir-se à economia e, segundo, a dominação do capital financeiro, que devemos encontrar uma forma de controlar, porque se não houver controle possível sobre ele, irá acontecer uma agravação, uma amplificação da crise econômica e mundial.

Sessões do Imaginário (autor não identificado): É possível se fazer ciência tendo como método a complexidade.

Morin: A complexidade significa *complexus*, palavra latina que indica ligação. As coisas, os fenômenos, estão ligados. E, quando há uma ciência disciplinarizada, compartimentada, se rompem as ligações naturais, se perde a possibilidade de complexificar. O que isso significa? Significa que se pode fazer ciência com objetos limitados, fechados, porém esta ciência não pode chegar à complexidade porque se cortam todas as conexões do objeto. Mas é possível uma ciência que eu chamo transdisciplinar ou complexa, que parte de alguns problemas fundamentais, que exigem que se tome informação de várias histórias e disciplinas. Meu primeiro trabalho científico importante se chama *O homem e a morte (L'Homme et la mort, 1951)*. Para saber o que significam os comportamentos, sentimentos humanos, relacionados à morte, é preciso fazer uma investigação na pré-história, na etnologia, na religião, em todos os setores das ciências humanas e também da biologia. Uma ciência, ao

propor um problema fundamental, fica obrigada a tomar elementos de várias disciplinas. E, por esta razão, penso que hoje, há algumas ciências que se desenvolveram de um modo complexo. Por exemplo: a ciência ecológica. Seu objeto de estudo, o chamado ecossistema, é o sistema que vem da organização e interação entre vegetais, animais, seres unicelulares, o meio-ambiente, o clima, a geologia e ainda mais. O ecologista, certificado, deve tomar informações de todas as disciplinas para entender o ecossistema. E, se a biosfera é o ecossistema de todos os ecossistemas, há que se entender de todas as atividades para transformá-la. Por esta razão, esta é uma ciência que se obriga à complexidade. Porém, a complexidade não elimina a incerteza. A incerteza acontece porque não podemos conhecer totalmente as realidades.

Mas nas ciências ecológicas, ciências da terra, há uma unificação, porque com o descobrimento das placas tectônicas se percebeu que havia ligações entre geologia, meteorologia, vulcanologia, sismologia, todas as ciências que eram separadas e que hoje estão se comunicando. A complexidade faz comunicarem-se os vários conhecimentos. E penso que o progresso da ciência será o progresso da complexificação. Como começou também a ocorrer com a microfísica, a física quântica e a cosmofísica, a física do universo. Ela irá desenvolver-se na biologia, irá desenvolver-se nas ciências humanas, estamos no princípio de uma grande revolução científica, capaz de enfrentar a complexidade.

Sessões do Imaginário (Polianne Espíndola - mestrandia): É possível fazer da complexidade uma teoria, e quais são os cuidados que devem ser tomados para que a transdisciplinaridade não se torne uma confusão de idéias.

Morin: Se deve casar precisão, clareza e sentimentos de interação. O caminho do conhecimento é sempre um caminho com dois perigos. Um perigo é o excesso de simplificação e uma mutilação da realidade em pedaços, e o outro é a confusão, incapacidade de se fazer conexões. Vejam, nunca se pode eliminar o perigo do caminho do conhecimento. Se houvesse a possibilidade de eliminar o perigo, então o conhecimento não seria mais uma aventura.

Sessões do Imaginário (Juremir Machado da Silva - professor): A comunicação de massa acabou?

Morin: Não, a comunicação de massa tradicional é cada vez mais conectada com o universo da internet. Por exemplo, os jornais possuem também uma versão na internet. Os livros, de papel, possuem também sua versão na internet, entre outras coisas. Penso que há alguma coisa, um novo tipo de comunicação de massa, um tipo que permite uma democratização cultural. Não por se poder baixar música, textos, livros, sem pagar, mas por esta possibilidade de democratização ser muito importante para todos. Mas há também problemas, como os direitos autorais, no entanto penso que isso está em processo, que a internet é um novo modelo que engloba outras comunicações de massa sem fazer a destruição de outras comunicações. É como a televisão, ela não destruiu o cinema, ou o filme. O filme não destruiu o romance, a literatura. São todas coisas que se integram, que se intercomunicam. Mas isto não impede que a internet seja um tipo totalmente novo de comunicação para todos os setores, para a informação, para os romances, também para os jogos, e todos os tipos de comunicação, mesmo comunicação pessoal, de amor e de ódio, todos.

Notas

1- Mestrandos do Curso de Comunicação Social - PUCRS. Emails: edluersen@gmail.com e mateusdvilela@gmail.com